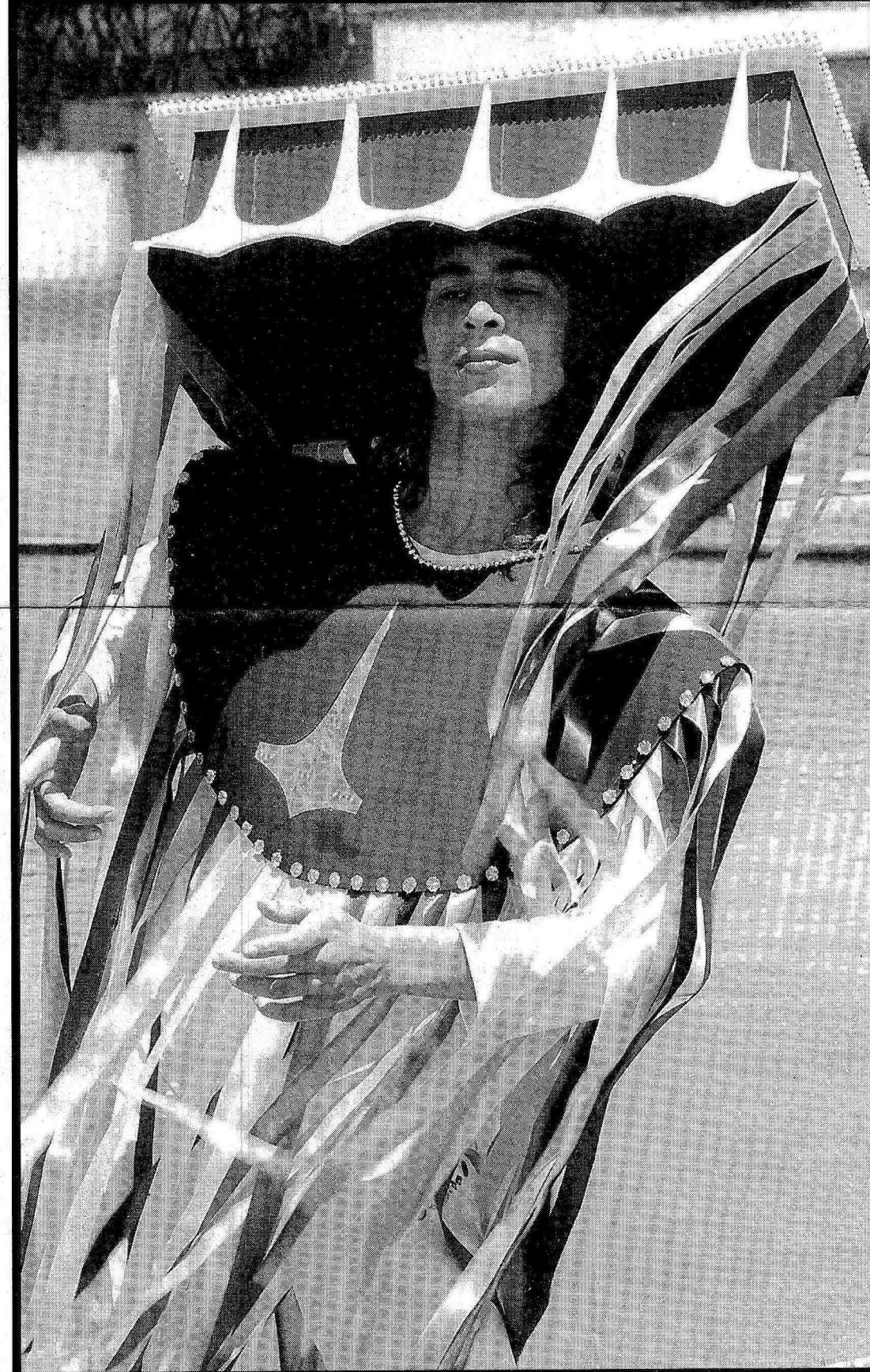


TEATRO

Dramaturgo cearense escreve sobre temas educativos e defende a comédia que ridiculariza o poder. Em Brasília, suas peças são montadas por companhias locais como O Hierofante, que encena *A Rua é um Rio Brilhante*, na Torre de TV

As farsas de Mapurunga

Divulgação/Rayssa Coe



A RUA É UM RIO BRILHANTE, COM O HIEROFONTE: PEÇA RETRATA CULTURAS POPULARES COMUNS AO BRASILIENSE

“MINHA COMÉDIA REBAIXA O PODEROSO. POR QUE MASSACRAR QUEM É MASSACRADO PELA VIDA?”

JOSÉ MAPURUNGA, DRAMATURGO

Alethea Muniz
Da equipe do Correio

José Mapurunga não é propriamente um farsante, embora esteja bem próximo do gênero teatral. Um de seus trabalhos é ridicularizar a realidade — especialmente a dos poderosos. Feito isso, farsantes de várias partes do país e até de fora recorrem às suas palavras para falar às platéias. Um espectador atento já deve ter reparado o nome nos programas dos espetáculos. Na última semana, há três peças com sua assinatura na agenda cultural de Brasília.

A trupe do Teatro Mapa'Ti apresentou *O Rapaz da Rabeca e a Moça da Camisinha*, na quinta à tarde, em frente ao Banco Central. À noite, *Um Dia de Príncipe* abriu a Mostra de Espectáculo de Teatro de Grupo. No elenco, alunos da oficina teatral dirigida por Moisés Vasconcelos. O diretor Humberto Pedrancini está em cartaz, aos domingos na Torre de TV, com *A Rua é um Rio Brilhante*, encenado por O Hierofante. “O Brasil tem que conhecer o Mapurunga”, afirma a diretora e atriz Tereza Padilha, do Mapa'Ti.

O dramaturgo nasceu e vive no Ceará, estado famoso pelos shows de humoristas. No entanto, em nada o trabalho de Mapurunga se parece com o dos conterrâneos mais conhecidos, que lotam bares e casas de espetáculos de Fortaleza, com imitações de gays, mulheres e tipos caricatos. “Tenho um pé atrás com a forma de os humoristas obterem o riso. Pois uma maneira é fazer com que a platéia se sinta superior”, afirma ele. “Chega-se em São Paulo e cria-se o nordestino caricato, desdentado”, continua. “A minha verve cômica é rebaixar o poderoso. Por que massacrar quem já é massacrado pela vida?”

ALÉM DA DIVERSÃO

Quase todos os espetáculos do autor são farsas. Primeiro, diz ele, pela possibilidade de ser encenada em qualquer lugar, “até debaixo de uma mangueira”. Depois, pela linguagem acessível ao maior número de pessoas. “O teatro para mim não pode parar no divertir. Só entreter, a televisão faz muito bem. O espectador tem que fazer uma descoberta. Não acredito no teatro gueto, para intelectuais.” Daí é possível perceber a afinidade com O Hierofante, conhecido pelos espetáculos nas ruas.

Pedrancini responde, quando perguntado sobre o interesse

pela obra do cearense: “Acredito que a arte tem que ser subvertida, tem que incomodar sim. E o artista tem que ser compromissado com o popular.” Por meio de O Hierofante, o encontro entre o dramaturgo e Brasília foi além da relação autor-encenado-na-cidade. A capital está traduzida em *A Rua é um Rio Brilhante*, espetáculo que traz cantigas de roda, folias, trava-línguas, literatura de cordel, poema gaúcho. “A gente queria mostrar todas as influências culturais do brasiliense”, afirma o diretor.

PANELAS E POLÍTICA
Aos 50 anos, Mapurunga se diz fascinado pelo Distrito Federal e sua cultura em construção. Casado pela segunda vez, cinco filhos, uma neta, vem para cá pelo menos uma vez por ano. Além de escrever peças, trabalha como roteirista de vídeos educativos. Formou-se em Comunicação na década de 70 e atuou como

publicitário, profissão trocada pela dramaturgia. Tem 13 peças encenadas, uma delas (*O Auto da Camisinha*) por mais de 50 grupos diferentes.

Um de seus textos está em cartaz em Moçambique. No quesito prêmios, ganhou o 2º Concurso Nacional de Dramaturgia, realizado em Porto Alegre. Concorreu com 495 autores teatrais e levou o Prêmio Carlos Carvalho com *A Farsa da Panelada*, sobre a ascensão política de um vendedor de panelas. “É uma espécie de paródia dos políticos”, comenta.

Parte das peças traz a veia educativa dos vídeos roteirizados por ele, como *O Auto da Camisinha* e *O Rapaz da Rabeca e a Moça da Camisinha*. “Queria tirar o ranço didático do tema”, diz ele. Sobre o sucesso dos textos fora do Ceará, explica:

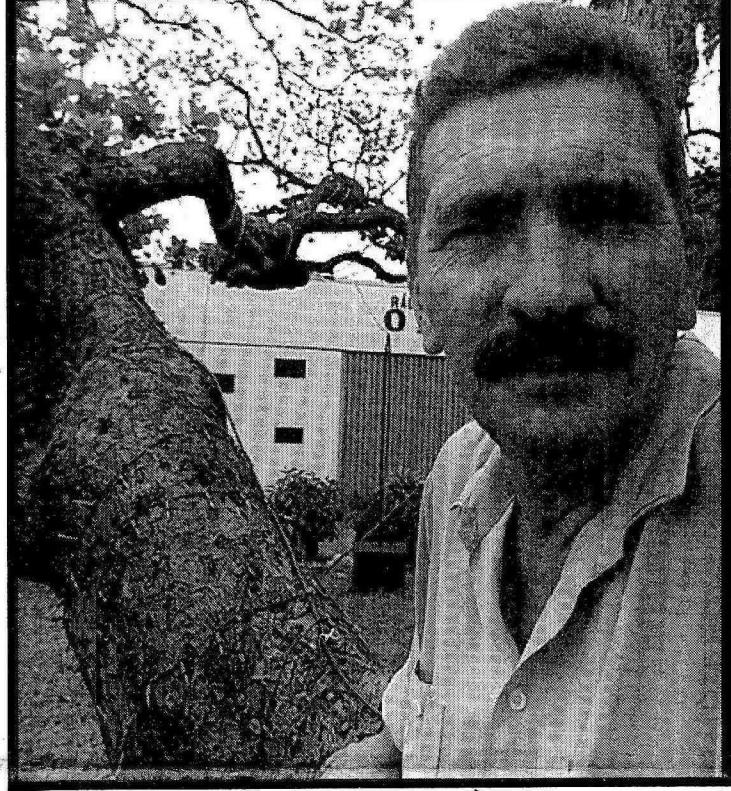
“Havia uma carência desse tipo de trabalho nos outros estados, as abordagens eram trágicas, dolorosas”. Pois

foi exatamente o que encantou Tereza Padilha, que conheceu a obra do dramaturgo em Teresina, durante o Festival de Monólogos. Só que *O Rapaz da Rabeca* estava nas mãos de O Hierofante. Após negociação, Tereza ficou com a tarefa de montá-lo.

Pedrancini conheceu a obra de Mapurunga quando procurava textos que discutissem a Aids. “Queríamos participar desse debate, então o Antenor, da Fundação Athos Bulcão, trouxe o material”, conta o diretor, que encenou *O Auto da Camisinha*. À época das comemorações do quinto centenário do Brasil, O Hierofante recorreu ao dramaturgo cearense e levou às ruas *A Farsa da Caravela Maluca*. Autor de poucas rubricas, Mapurunga acaba por deixar os diretores bem à vontade para trabalhar os textos.

O que resulta em montagens bem diferentes. Algumas, segundo o autor, surpreendentes.

Mauri Melo/O Povo 12.03.99



MAPURUNGA: DRAMATURGO CEARENSE FOGE DO HUMOR CHEIO DE CLICHÉS

PARA SABER MAIS

Gênero surgiu na França

cialmente popular tem sido reflexo vivo e acusador de uma realidade social determinada. Molière, por exemplo, transformou a farsa medieval em comédia humana, filosófica e social — basta ver *As Trapalhadas de Escapino*. No cinema, elementos do gênero são reconhecíveis nos filmes de Charles Chaplin.

As origens estão vinculadas às festas religiosas e populares. Como modalidade autônoma expandiu-se na Idade Média a partir da França, onde surgiram os jogos cômicos, paradigma de todas as farsas. Sobreviveu ao Renascimento (época em que várias formas medievais de teatro desapareceram) pelo enorme apelo popular. Na França do século 19, foi grande influência dos vaudevilles.

A resolução dos conflitos pode ser arbitrária, sem a preocupação de agredir valores ou colocá-los em questão. No entanto, esse gênero essen-

cialmente popular tem sido reflexo vivo e acusador de uma realidade social determinada. Molière, por exemplo, transformou a farsa medieval em comédia humana, filosófica e social — basta ver *As Trapalhadas de Escapino*. No cinema, elementos do gênero são reconhecíveis nos filmes de Charles Chaplin.

As origens estão vinculadas às festas religiosas e populares. Como modalidade autônoma expandiu-se na Idade Média a partir da França, onde surgiram os jogos cômicos, paradigma de todas as farsas. Sobreviveu ao Renascimento (época em que várias formas medievais de teatro desapareceram) pelo enorme apelo popular. Na França do século 19, foi grande influência dos vaudevilles.

SERVIÇO

A RUA É UM RIO BRILHANTE
Espetáculo de O Hierofante
Companhia de Teatro. Texto: José Mapurunga. Direção: Humberto Pedrancini. No espaço central da Torre de TV (Eixo Monumental). Aos domingos, até 23 de dezembro, às 11h30 e 16h. Acesso livre.